



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

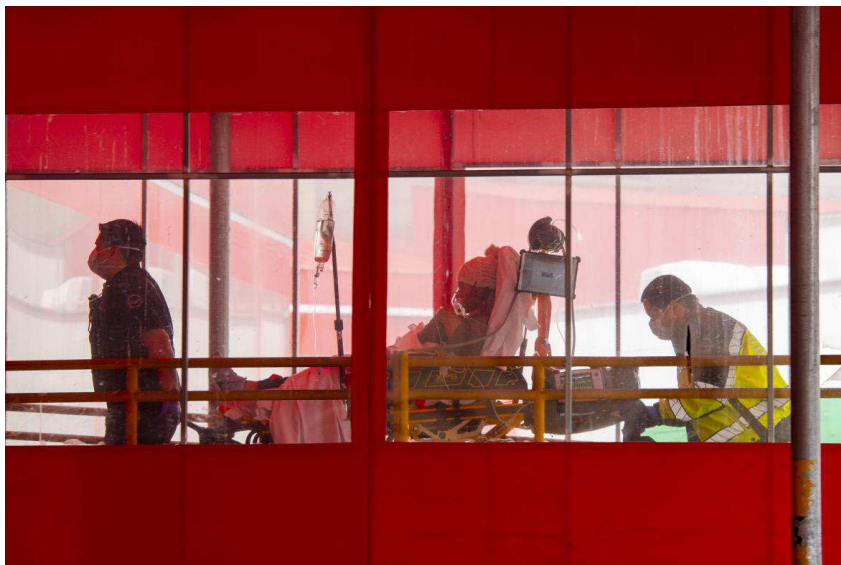
Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Marco de Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 27/11/2020

THE CONVERSATION

Academic rigor, journalistic flair

OPINIÃO: Sistemas de saúde resilientes podem nos proteger de ameaças além do COVID-19



Por Mami Mizutori, Chefe do Escritório da ONU para Redução de Risco de Desastres

*** Todas as opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade do autor e não da Thomson Reuters Foundation.**

A pandemia revelou que os esforços para se preparar e prevenir um desastre desta escala não foram adequados de todo

COVID-19 é uma crise de saúde global, uma crise socioeconômica e também uma crise de gestão de risco de desastres.

Cinco anos atrás, enquanto as memórias ainda estavam frescas de surtos de vírus Ebola, SARS, MERS e H1N1 anteriores, governos e parlamentares de estados membros da ONU pressionaram pela inclusão de tais "riscos biológicos" no Quadro de Sendai para Redução de Risco de Desastres, o plano para reduzir as perdas por desastres.

A Estrutura Sendai criou a oportunidade para integrar a gestão da saúde pública e a gestão do risco de desastres. Mas, infelizmente, o COVID-19 revelou que os esforços para se preparar e prevenir um desastre dessa magnitude não foram adequados.

Poucos, apesar de amplos avisos, foram preparados para o mundo em que vivemos hoje, onde quase três milhões de pessoas foram infectadas pelo COVID-19 e a perda de vidas ultrapassou o número de 227.000 mortos no tsunami do Oceano Índico em 2004.

Nossa capacidade de prevenir tais desastres ou mitigar seus impactos é tão boa quanto nossa governança de risco e preparação para desastres.

Como disse o Dr. Michael Ryan, chefe de preparação para emergências da Organização Mundial da Saúde (OMS) em um webinar para parlamentares organizado com o Escritório da ONU para Redução de Risco de Desastres e a União Interparlamentar na semana passada, três coisas são essenciais para uma boa gestão de emergência: "Governança, governança, governança".

Isso se traduz na implementação do Regulamento Sanitário Internacional e da Estrutura de Sendai, como apontou o Diretor-Geral da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, durante a mesma discussão, quando pediu novamente a solidariedade global em face da pandemia.

Os Regulamentos Internacionais de Saúde estão incorporados na Estrutura de Sendai, e isso deve atuar como incentivo adicional para muitos estados que não cumprem com esses regulamentos quando se trata de uma resposta apropriada a emergências de saúde pública de interesse internacional - COVID-19 sendo o mais recente estes.

Dominó de desastre

A resiliência dos sistemas de saúde é uma característica essencial da gestão do risco de desastres. Mesmo que leitos de Unidades de Terapia Intensiva, EPIs ou estoques de etanol fiquem sem uso por longos períodos, é essencial tê-los, como muitos países aprenderam às suas custas.

Sistemas de saúde resilientes requerem investimento de longo prazo em elementos-chave, como um número adequado de profissionais de saúde treinados; sistemas robustos

de informação em saúde, incluindo vigilância; e infraestrutura adequada, incluindo cadeia de suprimentos, estoques e laboratórios.

O investimento global em pesquisa e desenvolvimento de produtos médicos, vacinas e diagnósticos também é fundamental.

Os sistemas de saúde resilientes devem integrar respostas comunitárias robustas que são essenciais para combater com eficácia as pandemias e desastres. O envolvimento da comunidade tem sido um pilar fundamental para conter a disseminação do COVID-19 por meio do distanciamento físico, lavagem das mãos e auto-isolamento, quando necessário.

A grande perda de vidas e a crise econômica global desencadeada pela COVID-19 exacerbam o impacto de outros perigos naturais e causados pelo homem. As causas de preocupação são a próxima temporada de furacões no Atlântico e as temporadas de monções e tufões na Ásia e no Pacífico, que provavelmente levarão ao deslocamento de milhões em condições abaixo das ideais para conter a propagação da infecção.

Muitos elementos precisam ser colocados em prática a fim de construir a resiliência dos sistemas de saúde e para integrar a redução do risco de desastres nas políticas e estratégias de saúde. Isso será especialmente importante no esforço total para evitar ou lidar com qualquer ressurgimento de COVID-19.

Isso inclui maior cooperação entre as autoridades de saúde, agências de gestão de risco de desastres, a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho, o setor privado e outros.

Em um mundo onde grande parte da população global ainda não consegue obter serviços essenciais de saúde e muitos milhões são empurrados para a pobreza porque precisam cobrir as despesas de saúde de seus próprios bolsos, a gestão da saúde pública e a gestão do risco de desastres estão intimamente ligadas.

Esta visão mais ampla de lidar com o risco de desastres não pode se tornar realidade sem a liderança, experiência e orientação da OMS, que tem feito tanto na luta contra a varíola, malária, TB, HIV / AIDS, Ebola e muitas outras doenças, bem como uma resposta às consequências para a saúde pública causadas por conflitos, eventos climáticos extremos, terremotos e tsunamis.

Negar à OMS o apoio de que precisa seria contraproducente e um golpe para os esforços agora em andamento para conter a disseminação da COVID-19 em países de baixa e média renda, onde a batalha ainda está em seus estágios iniciais.

A pandemia não terminará até que termine em todos os lugares.

* Mami Mizutori é a Representante Especial do Secretário-Geral da ONU para a Redução do Risco de Desastres e chefe do Escritório da ONU para a Redução do Risco de Desastres www.undrr.org

FONTE: <https://news.trust.org/item/20200502101806-mzqt/>



Inteligência Epidemiológica para enfrentamento de crises sanitárias



Sabe-se que, no âmbito científico, todo prognóstico tem uma grande margem de erro e requer prudência. As agências de saúde geralmente trabalham com modelos preditivos para cada meio do ano. Isso porque é o tempo necessário para gerar evidências e poder desenvolver vacinas ou tratamentos eficazes disponíveis.

Todos os países foram informados sobre o risco e o que era esperado, para que se preparassem para criar meios e estruturas para enfrentar o que foi prognosticado. Mais uma vez, pensamos que “isso não pode acontecer conosco e saberemos como gerenciá-lo”. Um bom princípio, desde que você não se desvie do objetivo é: prepare-se para os piores cenários. Não é para ser alarmante, mas é necessário um certo nível de alerta.

Com relação as doenças infecciosas insistimos em três princípios: sempre há casos assintomáticos, você deve observar se eles transmitem a infecção, e se você não procurar esses casos, não os encontrará. Esses princípios são ignorados em vários casos. O pior risco é que se veja apenas os casos graves.

Uma doença infecciosa só pode ser gerenciada com dados confiáveis e esse problema deve ser transformado em uma oportunidade.

Além de outras reformas, é necessária uma reforma dos sistemas de informações epidemiológicas e de saúde, que é um problema sistêmico que deve ser resolvido. Temos hoje tecnologias que nos oferecem informações de qualidade em tempo real,. Antecipar-se, não cansaremos de repeti-lo, o trabalho prévio determina nossa resposta.

A governança da crise sanitária causada pela Covid-19 não foi boa porque não havia capacidade efetiva real. Mobilizamos os especialistas tarde e possivelmente nos fez falta uma rede de transmissão de informações e dados suficientemente eficiente para a tomada de decisões.

As auditorias técnicas devem colocar em evidência oportunidades de melhoria para a OMS, Europa, Espanha ...

Não esqueçamos que as doenças infecciosas continuam sendo a única ameaça sistêmica em termos de saúde global para a humanidade, mesmo sendo quase invisíveis no mundo mais desenvolvido, que enxerga isso como algo distante.

Devemos entender a inteligência epidemiológica como o processo de detecção, filtragem, verificação, análise, avaliação e investigação daqueles acontecimentos ou situações que podem representar uma ameaça à saúde pública, com base em indicadores ou experiências.

Alberto Berga Monge – Madrid, 08 de Julho de 2020.

O Prof. Dr. Alberto Berga Monge, é médico veterinário espanhol, professor e colaborador Verakis, professor colaborador da Universidade de Zaragoza, auditor da União Europeia e diretor da AMB Consulting, e é dos correspondentes Verakis para acompanhar a evolução do setor dos alimentos durante o desconfinamento europeu.

FONTE: <https://verakis.com/inteligencia-epidemiologica-para-o-enfrentamento-de-criSES-sanitarias/>



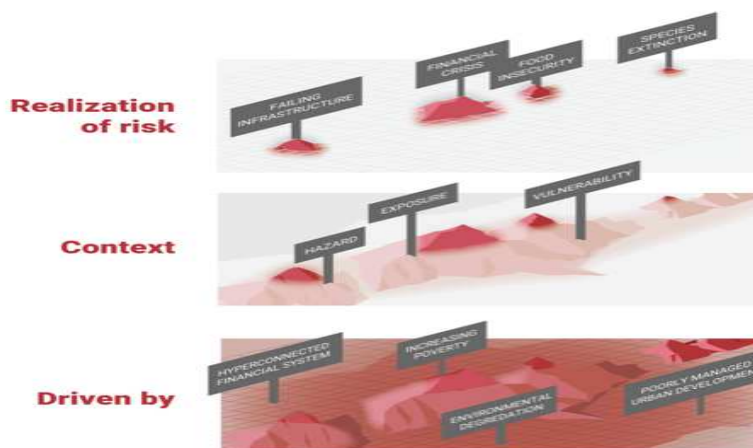
Por que precisamos de uma nova visão para entender a natureza sistêmica do risco?

Este é o segundo de uma série de oito artigos com coautoria de Marc Gordon (@ Marc4D_risk), UNDRR e Scott Williams (@ Scott42195), com base no capítulo sobre 'Risco Sistêmico, Estrutura de Sendai e Agenda 2030' incluído no Relatório de avaliação global sobre redução do risco de desastres 2019. Estes artigos exploram a natureza sistêmica do risco tornado visível pela pandemia global COVID-19, o que precisa mudar e

como podemos fazer a mudança de paradigma da gestão de desastres para a gestão de riscos.

“É preciso ter fortes nervos para questionar a própria estrutura da sociedade”, Yuval Noah Harari

Uma mudança de paradigma ocorreu desde meados do século XX. O poder computacional aumentou. Podemos mobilizar grandes fluxos de dados e observações. Novos modelos e narrativas baseados em sistemas estão surgindo. As abordagens de sistemas ajudam a compreender um mundo onde tudo está conectado. O processo linear generalizado de uso de recursos (extração-produção-distribuição-consumo-descarte) define o paradigma econômico atual. Mas, como a pandemia COVID-19 demonstra, a Terra é um sistema - um sistema de sistemas. O pensamento sistêmico e a capacidade de adotar uma perspectiva sistêmica na tomada de decisões são óbvios e essenciais para a construção do futuro consagrado na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.



A era da redução de risco perigo a perigo acabou. Precisamos refletir a natureza sistêmica do risco em como lidamos com ele. Precisamos melhorar nossa compreensão dos sistemas antropogênicos na natureza. Devemos identificar sinais precursoros e correlações para melhor nos preparar, antecipar e adaptar.

O entendimento tradicional de risco é como uma visão dos picos do Himalaia de cima, com uma cobertura de nuvens que obscurece a topografia abaixo. De cima, os humanos descreveram e nomearam esses picos de risco como se fossem separados e independentes. Na verdade, abaixo das nuvens, as conexões são claras. Ocorrem picos de risco significativos e influentes que não se elevam acima das nuvens. Atualmente, eles estão invisíveis; mas não deixam de ser relevantes.

Por definição, riscos sistêmicos como o COVID-19 são emergentes. Eles não são necessariamente óbvios usando as abordagens contemporâneas de perigo mais

perigo. Podemos não vê-los até que os eventos iniciais se transformem em um desastre que afeta os sistemas dos quais nossas vidas dependem.

Riscos emergentes podem ser óbvios em retrospecto. Eles são o resultado de uma série de eventos que cruzam as fronteiras impostas pelo homem, sejam institucionais, geográficos, disciplinares, conceituais ou administrativos. O termo “risco emergente” é comum no domínio dos sistemas financeiros. Por exemplo, quando uma instituição financeira significativa falha e outras entram em colapso devido a relacionamentos opacos e complexos que as conectam. No setor bancário, os riscos emergentes podem ser o resultado de grandes depósitos interbancários, sistemas de liquidação de pagamentos líquidos, pânico do investidor ou risco de contraparte em transações de derivativos, como swaps de inadimplência de crédito.

Da mesma forma, o estabelecimento médico de “consertar doenças” não é adequado para abordagens preventivas e holísticas de boa saúde e felicidade. E em muitos casos, ele criou novos males enquanto cura os antigos. Da mesma forma, as capacidades tradicionais de resposta e mitigação de desastres não são o aparato apropriado para aumentar a resiliência da comunidade e da sociedade ou para contribuir para uma melhor compreensão dos riscos sistêmicos. Vimos um número crescente de grandes epidemias de doenças infecciosas neste século - SARS, MERS, H1N1, H5N1 e Ebola. No entanto, COVID-19 mostrou que muito mais é necessário para uma prontidão apropriada e proporcional para uma pandemia global.

O parágrafo 36 (c) da Estrutura de Sendai enfatiza o papel do setor privado e das instituições financeiras. Exige a integração da gestão do risco de desastres aos modelos de negócios centrais, mudando as práticas estabelecidas e aumentando o foco nos investimentos informados sobre o risco de desastres. O principal desafio para mudar o comportamento dos negócios e do investidor são os diferentes horizontes de tempo da modelagem disponível. Por exemplo, os modelos de mudança climática tendem a se concentrar em cenários de desenvolvimento de longo prazo. Frequentemente, os modelos se concentram em 2100. Enquanto isso, a atividade do mercado financeiro se concentra em horizontes de tempo diários, trimestrais, anuais ou, na melhor das hipóteses, plurianuais.

O Enviado Especial do Secretário-Geral da ONU para Ação Climática e Finanças, e ex-Governador do Banco da Inglaterra, Mark Carney, referiu-se a isso como “a tragédia do horizonte”. Esta é uma tragédia que está ocorrendo agora na economia global e nos mercados financeiros como resultado do COVID-19. As instituições financeiras e empresas do setor privado falharam em reconhecer, ou foram incapazes de reconhecer, o risco que vinha se acumulando. Embora isso seja verdade para as instituições do setor privado, também prevalece nas instituições do setor público em todos os níveis.

A construção de cenários neste contexto pode ajudar a facilitar o pensamento e a tomada de decisões mais sistêmicos. Principalmente se os envolvidos forem capazes de considerar

eventos locais e motivadores regionais e globais. Os cenários exploratórios começam com a situação atual e exploram os impactos futuros de vários fatores. Esses fatores podem incluir degradação ambiental, mudanças climáticas, choques como desastres ou tendências como urbanização e migração.

Compreender o grau de risco em cascata e desenvolver maneiras de isolar, medir e gerenciar ou prevenir o risco sistêmico é um novo desafio. A interconexão do tecido conjuntivo que percorre todos os sistemas atuais amplifica esse desafio. Isso inclui a infraestrutura digital, que é suscetível a falhas e ataques de terceiros mal-intencionados.

Modelos que só podem descrever vulnerabilidades de sistema único para cenários de risco complexos não são úteis para os tomadores de decisão entenderem e se prepararem para riscos sistêmicos. Os legisladores atualmente enfrentam isso em todo o mundo com a pandemia COVID-19. Por outro lado, não temos modelos que possam descrever o grau de expansão do risco, uma vez que sistemas inter-relacionados propagam a eclosão de tais riscos profundamente no ecossistema da sociedade. Esses modelos podem começar a fornecer informações de risco úteis para informar governos, cidadãos e ações empresariais. Ações e medidas preventivas apropriadas podem então ser tomadas para prevenir as condições de pandemias ou para gerenciar melhor os componentes do sistema interdependentes que são potencialmente vulneráveis.

Medir e modelar riscos sistêmicos

“Qualquer tecnologia da informação, desde o dinheiro mais antigo até a mais recente computação em nuvem, é baseada fundamentalmente em julgamentos de design sobre o que lembrar e o que esquecer”, Jaron Lanier

As técnicas de gerenciamento de risco estabelecidas lidam com ameaças geradas por fatores externos à situação em questão. Estes também são chamados de fatores “exógenos”. Normalmente, tais situações permitem uma separação entre avaliação de risco e gerenciamento de risco. As observações históricas repetitivas são usadas para caracterizar o risco com afirmações sobre a probabilidade de certas interações de perigos, vulnerabilidade, exposição e capacidade. No entanto, a característica essencial de um risco catastrófico extremo, como a pandemia COVID-19, é a falta (ou ausência completa) dos padrões esperados com base em observações históricas.

A complexidade subjacente ao risco sistêmico pode ser tão complexa que a quantificação e a previsão do risco não são fáceis. Ou não é possível. Em muitos casos, a capacidade de fazer observações pertinentes do mundo real é limitada ou ausente. Precisamos de uma melhor compreensão dos sistemas para elaborar estimativas válidas que podem informar a tomada de decisão sólida. A modelagem de risco sistêmico pode oferecer informações quantitativas para estimar as exposições a perigos espaço-temporais e potenciais impactos catastróficos. O projeto e a computação de tais modelos é um esforço

multidisciplinar, transcontextual e baseado em investigação. Isso levanta desafios científicos e julgamentos importantes sobre o que incluir e o que excluir.

Para tornar nossos sistemas complexos e interconectados mais gerenciáveis, precisamos de uma nova visão do risco. Isso ajudaria a limpar a cobertura de nuvens para revelar a forma tridimensional do risco; com uma topografia que também muda com o tempo. A estrutura Sendai impele um movimento para longe de uma obsessão com previsão e controle, chamando-nos a abraçar a multiplicidade, ambiguidade e incerteza. Precisamos de uma visão da topografia completa dos riscos ao longo do tempo para estarmos melhor preparados para os desafios dos eventos globais, como a pandemia COVID-19.

O próximo artigo desta série explorará as diferenças entre sistemas 'complicados' e 'complexos'. E por que isso é tão importante para políticas públicas e tomada de decisão no contexto de riscos sistêmicos, visto que a pandemia COVID-19 continua a desafiar as abordagens convencionais de gestão de risco e respostas políticas.

FONTE: <https://www.preventionweb.net/news/view/71242>



ARTIGOS DA DEFESA CIVIL MUNICIPAL DO RIO PUBLICADOS EM E-BOOK

O arquivo em anexo possui um e-book, recém lançado pela Editora Atena, que contém dois artigos, que possuem relação com RRD, desenvolvidos por servidores da Defesa Civil Municipal do Rio de Janeiro em parceria com colegas da Academia e de outros órgãos públicos municipais:

- Capítulo 8 - MATRIZ DE ATIVIDADES x RESPONSABILIDADES COMO FERRAMENTA DE GESTÃO - PLANO VERÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - nas páginas 86 a 97

- Capítulo 14 - ESCALA DE IMPACTOS PARA EVENTOS METEOROLÓGICOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: APLICAÇÃO PRÁTICA EM 3 VERÕES SEGUIDOS (2017 a 2020) - nas páginas 164 a 179

FONTE: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/43178>

Envolvimento da comunidade para prevenção e controle COVID-19: uma rápida síntese de evidências

Este artigo pretende compreender 'como o **envolvimento da comunidade é usado para a prevenção e controle de doenças infecciosas durante as epidemias**'. Ao fazer isso, ele analisa as evidências de epidemias anteriores com base nos resultados de cinco epidemias anteriores - Ebola, SARS, síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS), Zika e H1N1 - e identifica quais abordagens e atores comunitários estão envolvidos, quais intervenções são realizadas, quem são os grupos-alvo do envolvimento da comunidade, etc.

Para fazer isso, três bancos de dados foram pesquisados, além de uma extensa bola de neve para a literatura cinza. Epidemias anteriores foram limitadas a Ebola, Zika, SARS, síndrome respiratória do Oriente Médio e H1N1 desde 2000. Nenhuma restrição foi aplicada ao desenho do estudo ou linguagem.

Esta revisão encontra e identifica **seis atores principais** que muitas vezes contribuem para o envolvimento da comunidade durante as epidemias, tendo diferentes funções, tais como: concepção e planejamento, entrada na comunidade e construção de confiança, comunicação de mudança social e de comportamento, comunicação de risco, vigilância e rastreamento e logística e administração

1. líderes locais
2. organizações comunitárias e religiosas
3. Grupos comunitários
4. Comitês de unidades de saúde
5. indivíduos
6. e principais interessados

FONTE: <https://gh.bmj.com/content/bmjgh/5/10/e003188.full.pdf>



Covid-19: OMS busca US\$ 4,3 bilhões com urgência para compartilhamento de vacinas

A Organização Mundial da Saúde, OMS, alertou para o risco de pessoas pobres e frágeis serem “espezinhadas” na corrida por uma futura vacina contra o coronavírus.

Falando a jornalistas, em Genebra, o diretor-geral da agência Tedros Ghebreyesus contou que US\$ 4,3 bilhões são urgentemente necessários para apoiar a aquisição e entrega em massa de vacinas, testes e tratamentos

Resultados

Tedros realçou resultados promissores dos testes de candidatas a vacinas que estão na fase final. Para ele, isso mostra haver uma luz no final do “longo túnel escuro” da pandemia do coronavírus. Até esta segunda-feira, foram notificados 58.425.681 casos e 1.385.218 mortes devido à doença.

O chefe da OMS realça que o mundo precisa garantir uma distribuição justa de vacinas. Ghebreyesus disse que “todo governo deseja, com razão, fazer tudo o que puder para proteger seu povo”.

No entanto, ele apontou a esperança real de que futuras vacinas, em combinação com outras medidas de saúde pública testadas e comprovadas, ajudem a acabar com a pandemia.

Neste momento, a iniciativa Covax para distribuição de uma vacina segura conta com 187 países. A iniciativa cobre etapas que incluem a aquisição, a garantia de melhores preços, as quantidades e prazos possíveis para os Estados.

Regiões

Tedros afirma que a Covax também vem analisando e apoiando os sistemas de entrega de vacinas e outras ferramentas contra a Covid-19, que foram mapeados em quatro regiões.

Entre as ferramentas para combater a doença está um novo curso da Academia da OMS para profissionais de saúde sobre o uso correto de equipamentos de proteção individual.

O chefe da OMS lembrou que somente uma mudança significativa no financiamento e na atual abordagem tornará real a promessa do Acelerador ACT. A iniciativa internacional promove a colaboração para se acelerar o desenvolvimento, a produção e o acesso equitativo a testes, tratamentos e vacinas.

Com os US\$ 4,3 bilhões solicitados, a OMS destaca que seria apoiada a aquisição e a distribuição em massa de vacinas, testes e tratamentos. Outros US\$ 23,8 bilhões serão necessários no próximo ano.

Caridade

Para o chefe da OMS, colocar estes valores ao dispor “não é caridade, mas a maneira mais rápida e inteligente de acabar com a pandemia e impulsionar a recuperação econômica global”.

Com base em estimativas do Fundo Monetário Internacional, FMI, representante disse que com soluções médicas colocadas ao dispor de forma mais rápida e ampla, o rendimento global aumentaria em US\$ 9 trilhões até o final de 2025.

O diretor-geral da OMS elogiou os participantes na Cúpula dos Líderes do G-20 do fim de semana, destacando que foi “muito encorajador” ouvir representantes mundiais manifestar apoio à OMS e ao compromisso com o Acelerador ACT.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733942?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=a7fcd079a-EMAIL_CAMPAIGN_2020_11_24_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-a7fcd079a-105027597



Apesar de fechamentos pelo mundo, queda de emissões de CO2 durante pandemia não foi suficiente

As emissões de dióxido de carbono na atmosfera continuam em níveis recordes, mesmo após uma suspensão temporária de atividades industriais por causa da pandemia de Covid-19.

A informação foi confirmada pela Organização Meteorológica Mundial, OMM.

Desaceleração

O Boletim de Gases de Efeito Estufa revela que o nível de CO2 continuou em alta após ter atingido a média global histórica anual de 410 partes por milhão, ppm, no ano passado.

Este ano, a desaceleração industrial devido à pandemia não reduziu os níveis recordes de gases de efeito estufa. O aquecimento provocado na atmosfera aumenta as temperaturas e leva a condições climáticas extremas, ao derretimento de geleiras, à subida do nível do mar e acidificação do oceano.

Para a OMM, os bloqueios reduziram as emissões de muitos poluentes e gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono. Mas qualquer impacto nessas concentrações não supera as flutuações normais de ano a ano no ciclo do carbono e nem a alta variabilidade natural nos depósitos naturais de carbono como a vegetação.

Oceano

De acordo com o secretário-geral da agência, Petteri Taalas, o CO2 permanece na atmosfera por séculos e no oceano por mais tempo ainda. Ele explicou que a última vez em que a Terra por uma concentração similar de gás carbônico foi entre 3 a 5 milhões de anos atrás, quando a temperatura estava entre 2° a 3° C mais quente e o nível do mar 10 a 20 metros maior do que hoje.

O especialista adverte, entretanto, que na época “não havia 7,7 bilhões de habitantes” no planeta. Taalas destaca que o mundo superou o limite global de 400 partes por milhão em 2015, e apenas quatro anos depois supera 410 ppm, um aumento inédito nos registros da OMM.

Nivelamento

O chefe da agência da ONU realçou que a queda nas emissões relacionada aos bloqueios é apenas uma pequena mancha no gráfico de longo prazo, sendo necessário um nivelamento sustentado da curva.

Para ele, a pandemia não é uma solução para as mudanças climáticas, mas fornece “uma plataforma para uma ação climática mais sustentada e ambiciosa para reduzir as emissões a zero por meio de uma transformação completa dos sistemas industriais, de energia e de transporte.

Taalas disse que não se deve perder tempo considerando as mudanças necessárias “economicamente acessíveis e tecnicamente possíveis e afetariam nossa vida cotidiana apenas marginalmente.”

Impacto

Estimativas preliminares apontam para uma redução da emissão global anual entre 4,2% e 7,5% este ano. A incerteza sobre a perspectiva da redução total das emissões em 2020 deve-se a falta de clareza sobre a duração e a severidade das medidas de confinamento.

A OMM explica que de forma geral uma redução de emissões nesse valor não baixará o nível de CO₂ atmosférico, mas continuará a subir, embora em um ritmo ligeiramente reduzido em torno de 0,08 a 0,23 ppm por ano.

O Boletim destaca que esse cenário se encaixa na variabilidade natural de 1 ppm dentro do mesmo ano, significando que no curto prazo o impacto dos confinamentos não pode ser distinguido da variação natural.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733752?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=a7fcdf079a-EMAIL_CAMPAIGN_2020_11_24_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-a7fcdf079a-105027597



Unicef intensifica planos para distribuir 2 bilhões de doses de vacina em 2021

O Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef, está intensificando os planos de entrega de vacinas contra a Covid-19 trabalhando com mais de 350 organizações de logística.

A agência está discutindo planos com as principais companhias aéreas globais e fornecedores de frete para distribuir vacinas a mais de 92 países.

Parceria

Na semana passada, o Unicef, a Organização Pan-Americana da Saúde, Opas, e a Associação Internacional de Transporte Aéreo, IATA, informaram às principais companhias aéreas globais sobre os requisitos de capacidade necessários.

As agências também começaram discutindo maneiras de transportar cerca de 2 bilhões de doses de vacinas em 2021. Além disso, 1 bilhão de seringas precisam ser transportadas por mar.

Em comunicado, a diretora da Divisão de Abastecimento do Unicef, Etleva Kadilli, disse que “esta colaboração inestimável irá percorrer um longo caminho para garantir que haja capacidade de transporte suficiente para esta operação histórica e gigantesca.”

Kadilli contou que é hora de pôr “mãos à obra para preparar a entrega das doses da vacina, seringas e mais equipamentos para proteger os trabalhadores da linha de frente em todo o mundo.” Segundo ela, “ao proteger esses trabalhadores, são protegidos milhões de crianças que dependem de seus serviços essenciais.”

Preparação

Nas próximas semanas, o Unicef também avaliará a capacidade de transporte existente para identificar lacunas e necessidades. Prevê-se que a operação seja a maior e mais rápida já realizada

A agência lidera esforços para adquirir e entregar vacinas de fabricantes que têm acordos com a Covax, a iniciativa da ONU para distribuição de uma vacina segura para todos.

Em colaboração com a Opas, o Unicef coordenará a compra e entrega para 92 economias de rendas baixa e média baixa.

Desde janeiro, a agência já entregou mais de US\$ 190 milhões em suprimentos de combate à pandemia, como máscaras, aventais, concentradores de oxigênio e kits de teste de diagnóstico.

Experiência

A cada ano, o Unicef adquire mais de 2 bilhões de doses para imunização de rotina e resposta a surtos em nome de quase 100 países, se tornando o maior comprador individual de vacinas do mundo.

Essa experiência inclui a coordenação de milhares de remessas com vários requisitos tornando a agência especialista em gerenciamento da cadeia de suprimentos de produtos com temperatura controlada, necessária durante esta nova imunização.

O Unicef e seus parceiros atuam ainda com operadores logísticos para minimizar interrupções nos programas de vacinação de rotina, que devem continuar acontecendo.

Para Etleva Kadilli, “o apoio de governos, parceiros e setor privado será fundamental para transportar imunização sarampo, difteria e tétano, bem como para Covid-19, da forma mais eficiente possível.”

No mês passado, o Unicef iniciou um processo para estocar mais de 1 bilhão de seringas até 2021 e garantir o fornecimento das doses.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733812?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=a7fcdf079a-EMAIL_CAMPAIGN_2020_11_24_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-a7fcdf079a-105027597



Crise e renovação: o que COVID-19 diz sobre nosso mundo

Por Sturle Hauge Simonsen

Este episódio de Rethink Talk investiga profundamente o que COVID-19 diz sobre nosso mundo e as mudanças que ele pode desencadear. Apresentado por Louise Hård Af Segerstad, três especialistas em mudança e transformação compartilham suas perspectivas: a professora Marten Scheffer, do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade de Wageningen, na Holanda; Lauren Hermanus, especialista em desenvolvimento sustentável na prática na África do Sul e Michele-Lee Moore do Stockholm Resilience Centre.

FONTE: <https://rethink.earth/crisis-and-renewal-what-covid-19-says-about-our-world/>



O coronavírus está se espalhando rapidamente nos locais de trabalho - aqui está o que é necessário para torná-los mais seguros

Por Andrew Watterson

A pequena cidade de Watton, Norfolk, recentemente deteve o infeliz título de ter a maior taxa de infecção de COVID-19 da Inglaterra em relação ao tamanho da população, após um surto em uma fábrica de alimentos.

Apesar dos vários graus de restrições de bloqueio devido à pandemia, muitas pessoas no Reino Unido ainda estão indo para seus locais de trabalho. Fábricas, armazéns, escolas, fazendas e algumas lojas e hotéis ainda estão abertos, e todos já foram locais de aglomerados de trabalho de transmissão do COVID-19 .

Na verdade, o primeiro caso de propagação do vírus em um local de trabalho remonta ao de um mercado de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Os principais meios de prevenir a transmissão no local de trabalho foram identificados em nível global e nacional no início de 2020. Ainda assim, a prevenção no Reino Unido ou até mesmo o controle dos clusters COVID do local de trabalho está falhando , às vezes de forma grave .

Semana a semana, continuamos a obter novos grupos de locais de trabalho. O último relatório de vigilância semanal da Public Health England revelou 397 surtos suspeitos em lares de idosos e 334 incidentes em locais de trabalho entre 19 e 25 de outubro. Os lares de idosos são, é claro, locais de trabalho também.

As tentativas de descartar os grupos de locais de trabalho simplesmente devido a fatores não relacionados ao trabalho, como viagens de ida e volta ao trabalho e moradias lotadas, que por si só estão relacionadas à ocupação, não são apoiadas pelas evidências disponíveis. Então, o que está errado e como pode ser corrigido?

A ameaça COVID no local de trabalho para os funcionários, suas famílias e comunidades só pode vir principalmente de três fatores. Em primeiro lugar, as medidas de controle incorporadas às orientações “seguras do COVID” do governo e de agências governamentais sobre coisas como distanciamento social, máscaras, ventilação, limpeza e teste e rastreamento de contato podem ser inadequadas ou incorretas.

Em segundo lugar, as práticas de trabalho do empregador podem ser ruins. Em terceiro lugar, o monitoramento, a inspeção e a aplicação da orientação dos reguladores de saúde e segurança que fazem cumprir a lei - o Health and Safety Executive (HSE) e, em alguns ambientes, os inspetores de saúde e segurança das autoridades locais - podem ser deficientes. Ou pode haver uma combinação de todos os três fatores em ação. O problema é que há pouca investigação ou poucos dados disponíveis publicamente sobre o que está acontecendo.

Uma indústria de alto risco que deveria ter sido completamente verificada durante meses ilustra o problema. No final de outubro, clusters COVID-19 envolvendo centenas de trabalhadores ainda estavam sendo relatados na indústria de processamento de carne do

Leste da Inglaterra. Isso apesar de os riscos específicos do setor terem se tornado claros no final de 2019 e os meios de controle de riscos estarem amplamente disponíveis até maio.

O governo dos EUA examinou COVID-19 em trabalhadores em 115 instalações de processamento de carnes e aves relatadas por 19 estados até maio de 2020. De aproximadamente 130.000 trabalhadores nessas instalações, 4.913 casos de COVID e 20 mortes ocorreram. Fatores que potencialmente afetam os riscos de infecção incluem distanciamento físico do local de trabalho, limpeza e higiene. Nenhuma estatística semelhante para o Reino Unido está no domínio público.

Na Alemanha, um grande surto de COVID-19 no processamento de carnes, também em maio de 2020, foi imediatamente investigado e um relatório detalhado constatou que as condições de espaçamento, temperatura, umidade e ventilação eram fatores que determinaram como o vírus poderia se espalhar por longas distâncias. Mais uma vez, aparentemente nenhum relatório desse tipo foi produzido no Reino Unido para examinar as causas e lições para o futuro.

Falta de poderes

As investigações dos grupos de trabalho COVID-19 na Grã-Bretanha são conduzidas por equipes de saúde pública em nível nacional e local e não pelo HSE, embora possam ocorrer inspeções e investigações conjuntas. Isso pode significar que alguns investigadores não têm os poderes e, possivelmente, o conhecimento e as habilidades para aplicar medidas para impedir a propagação do vírus.

O HSE tem poderes para encerrar um local de trabalho perigoso para a saúde. Os inspetores das autoridades locais têm o poder de fechar locais de trabalho por motivos de saúde ambiental. Os Diretores de Saúde Pública não têm tais poderes.

Nem, por várias razões relacionadas à confidencialidade do paciente e comercial, os detalhes sobre as condições de trabalho nas fábricas de processamento de carne britânicas com clusters COVID-19 foram rapidamente divulgados por reguladores ou diretores de saúde pública. Essa falta de informação e transparência está se revelando uma grande desvantagem para a prevenção rápida, juntamente com problemas de inspeção regulatória, prática da indústria, envolvimento dos trabalhadores e políticas governamentais falhas.

Com o inverno se aproximando, tornar os locais de trabalho seguros para COVID, em vez de simplesmente protegidos para COVID, está sendo um desafio para governos, empregadores, reguladores e trabalhadores. Isso pode ser feito - e tem sido em outras partes do mundo - aplicando a ciência disponível, adotando as melhores práticas em saúde e segurança ocupacional e resolvendo conflitos e confusões organizacionais e políticas.

FONTE: <https://theconversation.com/coronavirus-is-spreading-rapidly-through-workplaces-heres-what-is-needed-to-make-them-safer-149333>



Como a modelagem local pode construir resiliência na era pós-COVID

Por Jeffrey Bohn e Ahmad Wani

O COVID-19 nos mostrou que precisamos de cadeias de suprimento e infraestrutura mais resilientes - e avaliar os riscos em um nível hiperlocal é a chave para fazer isso com sucesso.

A pandemia COVID-19 expôs cruelmente como muitos governos e instituições estão despreparados para lidar com riscos complexos transfronteiriços. Os governos adotaram uma série de abordagens durante esta crise, com resultados diferentes muitas vezes levando a mortalidade excessiva inesperadamente alta e custos econômicos crescentes. Essa resposta fragmentada pode fazer com que a doença ganhe força renovada até o final de 2020 e além.

A disseminação da COVID-19 se acelerou em áreas caracterizadas por alta densidade populacional, degradação ambiental, infraestrutura urbana deficiente e cuidados de saúde inadequados. Esta doença exacerba a destruição que muitas áreas urbanas já sofreram recentemente devido a desastres naturais induzidos pelas mudanças climáticas. A sociedade não pode mais se dar ao luxo de esperar até que ocorra o próximo desastre, à medida que a globalização, a urbanização, o desmatamento e a produção industrial de alimentos propagam novas doenças e afetam a segurança alimentar, energética e econômica das nações. Os serviços de prevenção localmente globais para promover a resiliência não são mais um 'bom ter', mas sim um 'serviço obrigatório'.

Na dinâmica pós-COVID-19 normal, a sociedade deve desenvolver uma resiliência mais profunda dentro de suas instituições e processos. Contra o pano de fundo de culturas em rápida mudança, digitalização crescente, mudanças demográficas crescentes e crescente desigualdade de riqueza, a natureza interconectada de saúde, economia, política e tecnologia torna a definição de 'normal' um alvo móvel. O COVID-19 está acelerando esse ritmo e escopo de mudança ao mesmo tempo em que expõe inadequações.

Mais do que nunca, líderes governamentais e executivos corporativos precisam de melhor suporte para decisões. Até o momento, sistemas robustos de suporte à decisão,

habilitados por tecnologia, foram fragmentados e implantados de maneira desigual. Isso precisa mudar. A fim de sobreviver a uma depressão econômica potencial, a indústria e o governo devem trabalhar com as mãos fixas para garantir cadeias de suprimentos e infraestruturas resilientes e se preparar para cenários em que catástrofes acontecem simultaneamente, como um furacão como o ciclone Amphan e subsequente evacuação durante uma pandemia.

Muitos governos já coletam grandes quantidades de dados e algumas empresas desenvolveram uma gama impressionante de tecnologias de modelagem de risco e resiliência. Infelizmente, a maioria dos dados relevantes não é bem selecionada e as tecnologias avançadas, em grande parte, não estão nas mãos dos principais tomadores de decisão.

Evacuação de desastre durante COVID-19

Índia e Bangladesh foram atingidos recentemente pelo ciclone Amphan, que ameaçou milhões de vidas. Eles não estão sozinhos. O primeiro dia de junho deste ano marcou o início da temporada de furacões nos Estados Unidos e de tufões no Japão. A natureza global desses riscos interconectados torna as soluções globalmente locais ainda mais essenciais para a construção de sociedades resilientes.

No contexto de uma pandemia, o distanciamento social e a higiene são tão importantes na redução da transmissão em abrigos de evacuação quanto em situações de não desastre. Infelizmente, existem obstáculos muito maiores na forma de conformidade e exequibilidade. As evacuações por furacão exigem que as pessoas se movam enquanto em contato próximo umas com as outras, exacerbando a ameaça de contágio. Como resultado, as evacuações por furacão, que são difíceis por si só, são ainda mais complicadas pelas restrições de abrigos no local e podem propagar novamente a pandemia. De acordo com o modelo SEIR do One Concern (um modelo epidemiológico compartimental), o número de pessoas infectadas pode aumentar em até 20% em três dias durante uma evacuação.

Esta abordagem para este desafio adapta modelos epidemiológicos compartimentais para funcionar em uma escala hiperlocal para desenvolver novas soluções relacionadas à pandemia. Essas soluções modelam o impacto potencial das evacuações do furacão na propagação do COVID-19, rastreando as transições entre aqueles que são suscetíveis, expostos, assintomáticos, pré-sintomáticos, sintomáticos (leves e graves), hospitalizados e recuperados para otimizar a resposta ao desastre.

O risco de infecção pode então ser modelado em áreas densamente povoadas, fornecendo informações que podem ser usadas ao planejar a reabertura de escolas, igrejas e locais de trabalho. Ao usar dados de taxa de infecção hiperlocal, os tomadores de decisão podem avaliar os riscos relacionados à propagação de doenças infecciosas.

A análise preditiva orienta um retorno seguro ao trabalho

Trazer de volta funcionários e clientes com segurança é atualmente uma questão fundamental para os líderes empresariais. Os executivos precisam repensar suas estratégias de produtividade e força de trabalho para se preparar melhor para uma segunda onda de COVID-19 em potencial e para construir uma resiliência duradoura.

Uma análise recente examinou três fábricas automotivas dos EUA (a fábrica da Tesla em Fremont, Califórnia, a fábrica da Ford em Chicago, Illinois, e a fábrica da Mercedes-Benz em Tuscaloosa, Alabama) para prever as taxas de infecção, o que afetaria as decisões dos fabricantes automotivos em relação à produção. Consideramos a geografia, a data de reabertura, o número de funcionários, a taxa de casos COVID-19 local em duas semanas, a taxa de mortalidade na população local e a idade da fábrica. Por exemplo, a solução modelada previu uma chance de 99% de que uma fábrica em particular teria pelo menos um trabalhador com teste positivo para COVID-19. Dois dias depois, os funcionários da fábrica deram resultado positivo, forçando o proprietário a interromper temporariamente a produção a um custo de milhões de dólares. Resiliência como serviço '

Resiliência como serviço em seguros

A consciência do risco de pandemia aumentou significativamente devido ao COVID-19, com perdas gerando novas exclusões de apólices e prejudicando negócios. Dados seus processos de cobertura e ajuste de sinistros, o seguro tradicional não é adequado para interrupções de negócios causadas por pandemia; muitos argumentam que as pandemias não podem ser seguradas. Todos concordam, porém, que o melhor seguro é a prevenção, evidenciando a necessidade de apoiar melhores decisões.

A pandemia de SARS em 2004 despertou partes do mundo para o risco de pandemia. Infelizmente, naquela época, a tecnologia e os dados eram inadequados para realizar o tipo de modelagem possível hoje. Agora, com a nova inteligência de máquina e unificação de dados, podemos modelar os riscos em um nível hiperlocal para conduzir análises preditivas que orientam os serviços preventivos para ajudar a mitigar a interrupção dos negócios. Além disso, essas ferramentas podem moldar a resposta do governo em tempo real, redirecionando recursos e serviços de maneira ideal.

COVID-19 está forçando a indústria de seguros a repensar o risco de pandemia e desenvolver novas soluções para ajudar antes, durante e depois dos eventos. O governo, a indústria e o setor de seguros podem trabalhar juntos para minimizar as perdas por interrupções de negócios e desenvolver resiliência social.

FONTE: <https://www.weforum.org/agenda/2020/09/globally-local-scale-resilience-is-now-a-must-do/>



A pandemia aumenta a preocupação com o tão necessário financiamento climático para os mais pobres

Por Megan Rowling

BARCELONA - As nações ricas precisarão aumentar os esforços para fornecer financiamento para os países mais pobres atingidos pela pandemia para combater a mudança climática se quiserem cumprir a promessa de arrecadar US \$ 100 bilhões por ano a partir de 2020, disseram analistas e autoridades financeiras do clima na sexta-feira.

Em uma atualização anual, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) disse que o financiamento do clima para os países em desenvolvimento aumentou 11%, para US \$ 78,9 bilhões em 2018 - cerca de US \$ 20 bilhões abaixo da meta estabelecida para este ano.

Em 2009, os países ricos nas negociações sobre o clima da ONU concordaram em canalizar US \$ 100 bilhões - de fontes públicas e privadas - a cada ano a partir de 2020 para ajudar as nações pobres a se desenvolverem de forma com baixo teor de carbono e se adaptarem ao agravamento dos impactos das mudanças climáticas.

Mas atingir essa meta tem se mostrado um desafio, mesmo com o aumento da demanda por ajuda devido às crises econômicas relacionadas ao coronavírus e aos crescentes desastres relacionados ao clima.

"Os doadores precisam intensificar urgentemente seus esforços para apoiar os países em desenvolvimento a responder aos efeitos imediatos da pandemia e integrar as ações climáticas na recuperação de cada país da crise COVID-19", disse o secretário-geral da OCDE, Angel Gurría, em um comunicado sobre o relatório.

Patriciah Roy Akullo, co-presidente do grupo de justiça climática da ACT Alliance, disse que cumprir a meta de US \$ 100 bilhões era "salvar vidas e evitar mais sofrimento ao redor do mundo", à medida que o clima selvagem se intensifica e os oceanos se elevam cada vez mais.

"Esses fundos são necessários com urgência para realizar ações locais por parte de pessoas e comunidades em países vulneráveis ao clima", disse ela.

Isso poderia incluir o plantio de variedades de sementes resistentes à seca, o fornecimento de alertas antecipados de tempestades, a construção de maiores defesas contra enchentes, o plantio de manguezais ou a instalação de energia solar.

Alcançar a meta de US \$ 100 bilhões por ano é considerado vital para o progresso das negociações climáticas da ONU.

No início desta semana, a chefe do clima da ONU, Patricia Espinosa, disse a um fórum de investidores que os recursos necessários "simplesmente não existem ainda" e os exortou a encorajar os ministros das finanças a cumprir.

"A provisão oportuna dos US \$ 100 bilhões ajudará a construir confiança - também ajudará a fornecer sinais importantes para os investidores", disse ela.

Mas os dados de financiamento do clima são relatados com um atraso de até dois anos, tornando impossível saber se a promessa de 2020 terá sido cumprida até o final deste ano.

O relatório de sexta-feira mostrou que o financiamento climático fornecido por governos ricos aumentou para US \$ 62,2 bilhões em 2018, ante US \$ 54,5 bilhões em 2017, enquanto o nível de financiamento climático privado mobilizado ficou praticamente estável em US \$ 14,6 bilhões.

Joe Thwaites, especialista em finanças climáticas do Instituto de Recursos Mundiais, disse que o aumento do financiamento do governo foi "tranquilizador".

Se essa tendência continuar, pode levar o financiamento do clima para perto da marca de US \$ 100 bilhões este ano - mas a pandemia é uma ameaça, disse ele.

"COVID-19 causou uma interrupção significativa em todos os tipos de fluxos financeiros em 2020, então acho que é realmente difícil dizer", disse ele à Thomson Reuters Foundation.

DEBT BURDEN

Os grupos de ajuda expressaram preocupação com o fato de que a taxa de crescimento no financiamento total do clima diminuiu em 2018 em comparação com 2017, e notaram um aumento acentuado nos empréstimos que precisam ser pagos em comparação com as doações que não o fazem.

"Muito do financiamento climático de governos e bancos de desenvolvimento está na forma de empréstimos que forçam as nações mais pobres a se endividarem ainda mais enquanto lutam com os impactos das mudanças climáticas", disse Tracy Carty, consultora sênior de política climática da instituição de caridade Oxfam .

O relatório da OCDE mostrou que, entre 2013 e 2018, a parcela de empréstimos concedidos pelo governo para o financiamento do clima cresceu de 52% para 74%, enquanto a parcela de doações diminuiu de 27% para 20%.

Carty pediu aos doadores que comecem a aumentar as doações, especialmente para ajudar os países mais vulneráveis a se adaptarem a condições climáticas mais extremas e aumento do mar.

A Oxfam também destacou a pequena proporção de financiamento para os países mais pobres e menos poluentes, com apenas 14% do financiamento do clima indo para as nações menos desenvolvidas e 2% para pequenos estados insulares em desenvolvimento, muitos enfrentando altos níveis de dívida.

Especialistas em desenvolvimento apontaram para o desequilíbrio persistente entre o financiamento para os países reduzirem suas emissões através da adoção de energia limpa e renovável e a quantia bem menor gasta na adaptação às mudanças climáticas.

Em 2018, 70% do financiamento total do clima foi para cortes de emissões, com apenas 21% para adaptação, e o restante foi para projetos que apoiaram ambos. Mas os gastos com adaptação cresceram quase 30% ao ano de 2016 a 2018.

“Há uma enorme necessidade de um aumento no financiamento da adaptação, e isso é ainda mais crítico, dados os desafios adicionais que as comunidades enfrentam devido ao COVID”, disse Mattias Söderberg, co-presidente do grupo de justiça climática da ACT.

MAIS PARA OS POBRES

Os chefes do Fundo Verde para o Clima multibilionário (GCF) e do International Development Finance Club (IDFC) disseram que suas organizações planejam intensificar os esforços para impulsionar os fluxos privados para enfrentar a mudança climática "sem deixar ninguém para trás".

O Diretor Executivo do GCF, Yannick Glemarec, disse na sexta-feira que o financiamento "combinado" - onde o dinheiro do governo é usado para fazer investimentos uma aposta mais segura para os negócios - até agora não serviu bem os países mais pobres e vulneráveis.

“Um dos principais desafios que temos ... é fazer o financiamento do clima trabalhar para os pobres, fazer o financiamento combinado funcionar para a adaptação e os ecossistemas”, disse ele.

Quando o GCF faz parceria com bancos de desenvolvimento nacionais ou investidores, muitas vezes aloca fundos para a parte de maior risco de um projeto, para encorajar novos modelos de negócios, acrescentou.

Tanto ele quanto o presidente do IDFC, Remy Rioux, disseram que a meta de US \$ 100 bilhões era essencial para o processo climático da ONU, mas muito mais dinheiro seria necessário para enfrentar com eficácia o aquecimento global nos países em desenvolvimento, incluindo a construção de infraestrutura segura para o clima.

O IDFC, por exemplo, disse na sexta-feira que seus membros, um grupo de 26 bancos de desenvolvimento nacionais e regionais, forneceram US \$ 197 bilhões em financiamento

verde em 2019 - 95% deles para projetos relacionados ao clima - representando um quarto de seus empréstimos totais.

"Temos que pensar em uma escala maior", disse Rioux.

FONTE: <https://news.trust.org/item/20201106154137-d3zzy/>



Próximo risco? Pandemia de coronavírus ressalta ameaças climáticas à saúde

COVID-19 está mostrando o quão longe os sistemas de saúde estão de serem preparados para os riscos climáticos, de incêndios florestais a doenças em constante mudança

Por Laurie Goering

LONDRES, 1 ° de maio (Fundação Thomson Reuters) - Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estão entre os países mais atingidos pelo coronavírus e enfrentaram críticas por lidar com a pandemia. Mas apenas no ano passado, eles foram classificados como os países mais preparados para uma grande crise de saúde.

Isso sugere que, quando se trata de preparação, "não estamos medindo o que precisamos medir", disse Kristie Ebi, especialista em saúde pública da Universidade de Washington - acrescentando que também se aplica às ameaças emergentes da mudança climática.

De instalações de saúde construídas no provável caminho de enchentes ou incêndios florestais até a incapacidade de rastrear efetivamente os surtos, a vulnerabilidade às ameaças à saúde relacionadas ao clima é provavelmente maior do que pensamos, disseram especialistas em saúde durante um evento online esta semana.

O COVID-19 está agora ajudando "cada país a medir e avaliar a (preparação) de seu sistema de saúde", disse Niranjana Saggurti, diretor do escritório indiano do Population Council, uma organização sem fins lucrativos de pesquisa em saúde e desenvolvimento.

Na África, onde os ricos regularmente viajam para o exterior em busca de cuidados enquanto os sistemas nacionais de saúde lutam, o vírus está provocando um repensar sobre como os sistemas devem ser robustos, disse Chris Gordon, cientista ambiental da Universidade de Gana.

"Acho que muitos líderes mundiais em países em desenvolvimento levaram COVID-19 muito mais a sério do que outros eventos por causa do bloqueio", disse ele.

"As classes privilegiadas não podem mais voar para o mundo ocidental ou para lugares como Cingapura para obter assistência médica. Elas estão presas aos sistemas de saúde que criaram e acho que foi isso que as fez sentar."

Isso levou em alguns países a planos para novos hospitais e dinheiro adicional para instituições de pesquisa para ajudar a investigar vacinas, disse Gordon.

Mas ele observou que o vírus também deixa clara a extrema vulnerabilidade dos pobres rurais da África, que muitas vezes estão longe das clínicas, cozinham em fogueiras que agravam os problemas respiratórios e enfrentam escassez de água e calor incapacitante.

"Se você está fazendo trabalho manual nos campos e as temperaturas estão entre 30 e 40 graus, isso simplesmente reduz sua capacidade de cultivar", disse ele.

"E se esse alimento que você está gerando com seu trabalho é o que você usa para sobreviver, obviamente você tem problemas com a segurança alimentar", acrescentou.

Em muitas partes do mundo, as questões de governança também são "a baleia na sala" para a preparação do sistema de saúde, com barreiras políticas e má liderança no caminho, disse Gordon.

Elena Villalobos Prats, especialista em mudanças climáticas e saúde pública da Organização Mundial da Saúde, disse que dois terços dos países consideraram ameaças à saúde nos planos climáticos nacionais criados como parte do Acordo de Paris de 2015.

Porém, apenas metade tem estratégias para adaptar seus sistemas de saúde às ameaças climáticas, disse ela, e apenas 0,5% do financiamento climático internacional vai para ameaças à saúde.

Essa é uma grande preocupação porque "temos um mundo globalizado aumentando gradualmente as condições sob as quais uma crise extrema de saúde pode ser desencadeada", disse Mark New, um cientista que faz parte do Comitê Sul-Africano de Mudança Global.

A questão agora é se a crise atual pode ser aproveitada para gerar mais consciência da vulnerabilidade global e melhor preparação para a próxima grande ameaça à saúde - as mudanças climáticas, disseram os especialistas

"Como podemos usar esta crise para capturar a imaginação das pessoas e estimular a ação? Coisas ruins podem realmente acontecer de repente", disse John Roome, diretor de desenvolvimento sustentável do Banco Mundial para o Sul da Ásia.

“A situação em que estamos seria inimaginável há alguns meses, mas você pode voltar agora e ver todos os avisos de que isso poderia acontecer. E a mesma coisa se aplica às mudanças climáticas”, disse ele.

FONTE: <https://news.trust.org/item/20200501163253-ak47u/>



U.S. Department of Commerce
Wilbur L. Ross, Jr., Secretary
Walter Copan, NIST Director and Undersecretary
of Commerce for Standards and Technology

NIST
National Institute of
Standards and Technology
U.S. Department of Commerce

Guia de planejamento de resiliência da comunidade para sistemas de infraestrutura e edifícios: um manual

O objetivo deste Manual é ajudar as comunidades a usar o Guia com mais facilidade e melhorar o planejamento de resiliência da comunidade abordando:

- A importância de conectar as metas e serviços sociais e econômicos ao ambiente construído (ou seja, edifícios e sistemas de infraestrutura ou linhas de vida da comunidade).
- As interdependências das funções sociais e econômicas com o ambiente construído.
- O valor e as formas práticas de planejar a recuperação - além da preparação, projeto, mitigação e resposta a emergências.
- Os benefícios de uma visão da resiliência em escala comunitária.

O processo de planejamento do Guia oferece uma maneira estruturada, porém flexível, de definir metas em escala comunitária, alinhar prioridades e recursos, identificar as principais partes interessadas e desenvolver planos para a recuperação das funções da comunidade. O planejamento da resiliência da comunidade pode informar e integrar outros planos da comunidade e também reduzir os objetivos conflitantes entre os planos.

Encontre aqui algumas das **principais conclusões do manual** :

- A comunidade precisa de um líder designado que seja responsável por rastrear, coordenar e comunicar os esforços relacionados à resiliência.
- A implementação requer um alcance ativo contínuo e envolvimento com as partes interessadas e com a comunidade em geral por meio de uma variedade de mecanismos.
- O plano comunitário adotado precisa ser revisado regularmente, de acordo com os ciclos de planejamento da comunidade.
- O plano de resiliência, incluindo a estratégia de implementação ou soluções específicas, pode precisar ser atualizado.

FONTE: <https://nvlpubs.nist.gov/nistpubs/SpecialPublications/NIST.SP.1190GB-16.pdf>



Resiliência ao clima urbano

Este resumo da edição destaca a **exposição crescente das cidades a desastres e riscos relacionados ao clima em todo o mundo**. Com o crescimento urbano acelerado, o aumento da exposição aos riscos das mudanças climáticas e a vulnerabilidade multidimensional, é fundamental que as cidades empreguem uma abordagem de desenvolvimento integrada e informada sobre os riscos climáticos para alcançar vidas e meios de subsistência resilientes e avançar no progresso em direção aos ODS.

O PNUD está bem posicionado para ajudar as cidades e os países a alcançarem um progresso transformacional no sentido de construir resiliência. Por meio de sua Rede de Política Global e em colaboração com outras agências da ONU, governos nacionais e parceiros doadores, o PNUD apoia uma abordagem holística para o desenvolvimento da boa governança, localização dos ODS e aumento da ação climática.

No nível local, existem **desafios significativos** nas cidades que impedem o progresso no sentido de construir a resiliência das pessoas e da infraestrutura aos impactos das mudanças climáticas atuais e futuras:

- Dados e evidências estão faltando.
- É necessária capacidade.
- As lacunas de política e coordenação persistem.
- O planejamento e a programação são limitados.
- O financiamento e o investimento são essenciais.

Em resposta a esses desafios, **os serviços do PNUD** para aumentar a resiliência urbana incluem o seguinte:

- Desenvolver o ambiente propício e a base de evidências para a gestão de risco climático urbano
- Possibilitando investimentos na resiliência climática urbana
- Acelerar e dimensionar ações ambiciosas de adaptação às mudanças climáticas urbanas

FONTE: https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/environment-energy/climate_change/adaptation/Urban-Climate-Resilience.html



Opiniões da comunidade sobre o risco de incêndios florestais e preparação na interface urbana

Este relatório resume os resultados de uma pesquisa baseada na web de funcionários eleitos, gerentes, chefes de bombeiros e outros indivíduos que estão tomando decisões e sendo responsáveis pela preparação para incêndios florestais e gestão de combustíveis em comunidades em British Columbia (BC) (n = 143). A pesquisa foi realizada em junho e julho de 2018 por pesquisadores da Faculdade de Silvicultura da Universidade de British Columbia. O objetivo da pesquisa foi **compreender melhor as opiniões dos gestores florestais e representantes de municípios, distritos regionais, comunidades das Primeiras Nações e reservas sobre as barreiras e soluções para a preparação para incêndios florestais**. A redução do risco de incêndios florestais nas comunidades exigirá programas, políticas e soluções baseadas na compreensão das necessidades, prioridades e barreiras da comunidade para o envolvimento com as iniciativas existentes. Este estudo aborda essas questões e fornece recomendações para ações futuras.

Esta pesquisa de 2018 reflete fortemente as principais descobertas da pesquisa de 2017 :

- preparação para incêndios florestais é uma questão urgente que as comunidades enfrentam em todo o BC.
- Além disso, também indica que a capacidade é um fator importante que limita a participação das comunidades nas atividades de prevenção de incêndios florestais e mitigação de combustível.
- Além disso, a maioria dos entrevistados em 2018 indicou que a falta de financiamento dos governos provinciais e federais limitou o progresso na redução do risco de incêndio florestal na WUI.

Esta pesquisa **também destaca os desafios adicionais** para as comunidades e reservas das Primeiras Nações, onde as barreiras jurisdicionais e de governança limitam sua capacidade de acessar financiamento.

- Muitos entrevistados expressaram preocupação com o fato de que um fardo significativo e desproporcional de responsabilidade para gerenciar o risco de incêndio florestal é suportado no nível da comunidade, e a maioria acredita que o governo provincial e federal, proprietários individuais e indústria e negócios deveriam fazer muito mais.
- Em termos de estruturas existentes de apoio, os conflitos de governança entre diferentes agências, tipos de propriedade de terra e tomadores de decisão em

nível local versus provincial foram vistos como grandes desafios para o progresso em direção à preparação para incêndios florestais.

FONTE: <https://treering.sites.olt.ubc.ca/files/2020/02/Community-Wildfire-Preparedness-Summary-Report-Feb-2020.pdf>



Identificação de comunidades em risco de impactos de calor extremo

Uma análise das maneiras de medir a vulnerabilidade de uma comunidade às mudanças climáticas sugere que o método atual da Califórnia pode deixar algumas comunidades em risco para trás nos esforços para reduzir os impactos do calor extremo na saúde. Lynée Turek-Hankins da Universidade de Stanford (atualmente na Universidade de Miami) e colegas apresentam essas descobertas na revista de acesso aberto PLOS ONE em 4 de novembro de 2020.

À medida que a mudança climática avança, os governos estão cada vez mais interessados em políticas orientadas para a equidade para ajudar as comunidades que podem estar particularmente em risco de impactos na saúde e morte devido ao calor extremo. O risco pode variar entre as comunidades de acordo com fatores socioeconômicos, de saúde e ambientais exclusivos. No entanto, como identificar com precisão as comunidades vulneráveis não está claro.

Para obter uma nova visão, Turek-Hankins e colegas conduziram uma comparação sistemática de três métodos para medir a vulnerabilidade de uma comunidade às mudanças climáticas. Eles compararam o índice CalEnviroScreen 3.0, que se concentra na poluição; o Índice de Vulnerabilidade Social, que se aplica a todos os tipos de desastres; e o Heat-Health Action Index, que identifica áreas particularmente vulneráveis aos impactos na saúde relacionados ao calor.

A análise descobriu que CalEnviroScreen 3.0 identificou 25 por cento das comunidades da Califórnia como "desfavorecidas". No entanto, os outros dois índices identificaram 12,6% das comunidades como vulneráveis aos impactos do calor extremo na saúde, e apenas 13,4% das comunidades foram consideradas vulneráveis em todos os três índices.

Essas descobertas são notáveis porque o CalEnviroScreen 3.0 é usado atualmente pela Califórnia para ajudar a determinar quais comunidades recebem projetos para se adaptar aos efeitos das mudanças climáticas - incluindo calor extremo. Na verdade, as comunidades identificadas como vulneráveis pelo CalEnviroScreen 3.0, mas não pelo Heat-Health Action Index, receberam quatro vezes mais projetos relacionados ao calor do

que aqueles considerados vulneráveis pelo Heat-Health Action Index, mas não pelo CalEnviroScreen 3.0.

Essas descobertas sugerem que qualquer índice único por si só poderia ignorar nuances importantes e impedir que comunidades vulneráveis fossem selecionadas para projetos de adaptação relacionados ao calor. Os autores pedem uma abordagem mais holística para quantificar não apenas a vulnerabilidade ao calor extremo, mas também a vulnerabilidade a outros perigos climáticos.

Os autores acrescentam: "O governo e os membros da comunidade em todo o país estão ambiciosamente aumentando os esforços para uma adaptação às mudanças climáticas orientada para a equidade, mas na prática permanecem questões sobre como identificar e priorizar efetivamente o financiamento limitado entre as comunidades. Usando um programa do estado da Califórnia como um estudo de caso, demonstramos que a seleção de comunidades "desfavorecidas" para o financiamento da adaptação, bem como as percepções do risco geral, dependem muito das métricas que alguém implanta. "

FONTE: <https://www.sciencedaily.com/releases/2020/11/201104143649.htm>

Eos

EUA: Mapeando a vulnerabilidade ao calor para proteger a saúde da comunidade

Enquanto a comunidade global celebra o Dia Mundial da Saúde em 7 de abril, na AGU queremos destacar projetos em duas cidades dos Estados Unidos que se esforçam para tornar as informações de saúde relacionadas ao clima acessíveis em escala local. Confrontados com o aumento dos riscos para a saúde humana resultantes da mudança climática, os líderes dessas comunidades estão desenvolvendo ferramentas no nível de base para informar o planejamento da cidade, atender às necessidades de serviços e identificar áreas para infraestrutura verde e intervenções de resfriamento.

Como muitas ameaças à saúde, espera-se que a mudança climática afete de maneira desproporcional as populações vulneráveis, como idosos, crianças pequenas, famílias que

vivem na pobreza e pessoas com doenças crônicas. De pequenas cidades rurais a centros metropolitanos densamente povoados, as comunidades estão desenvolvendo esforços de resiliência para amenizar essas ameaças crescentes e informar os tomadores de decisão locais.

Em um pequeno mas crescente centro urbano cercado por comunidades de fazendeiros no oeste de Montana, o aumento das temperaturas e ameaças à qualidade do ar são exacerbadas por pontos quentes que contribuem para o efeito de ilha de calor urbana. Chase Jones e Amy Cilimburg, líderes comunitários em Missoula, recentemente fizeram parceria com uma equipe de cientistas por meio do Thriving Earth Exchange para tomar medidas para fornecer recomendações baseadas em evidências para planejadores urbanos e formuladores de políticas para abordar áreas sensíveis dentro de sua comunidade.

Ao sobrepor os dados demográficos do Censo dos EUA para populações sensíveis com variáveis de exposição ao calor, a equipe mapeou com sucesso a vulnerabilidade de quarteirões individuais da cidade. “Como forçamos os dados a essa escala fina, os planejadores da cidade e funcionários do departamento de saúde são capazes de ver onde a vulnerabilidade pode variar dentro de um bairro e concentrar esforços imediatos lá”, disse Julie Tompkins, estudante graduada da Universidade de Montana e membro da equipe de ciência. O grupo usou o mapa para fornecer recomendações para códigos de construção de cidades que deveriam aliviar o efeito de ilha de calor urbana.

Tompkins, junto com seu consultor, Anna Klene, espera que esse tipo de ferramenta informe o planejamento urbano à medida que as necessidades de saúde relacionadas às mudanças climáticas continuam a crescer. “Este projeto foi apresentado a grupos governamentais, de saúde e ambientais. O feedback que recebemos foi positivo para a identificação baseada em dados de áreas específicas para serviços”, disse Tompkins. Este projeto estende e aprimora o trabalho do programa Summer Smart de Missoula, que visa preparar a comunidade para prosperar em meio ao aumento da fumaça e do calor dos incêndios florestais de verão, ajudando Missoulians a serem fisicamente, mentalmente e economicamente saudáveis e resistentes.

Enquanto a equipe de Missoula continua a compartilhar suas descobertas com os formuladores de políticas e sua comunidade, os residentes de South Bronx, NY, bairro estão liderando o planejamento de resiliência de base com resultados semelhantes em mente. A equipe do Hunts Point Heat Project, outra parceria da Thriving Earth Exchange, deseja informar a comunidade sobre os efeitos do calor extremo e das ilhas de calor urbano, ao mesmo tempo que os equipa com ferramentas e habilidades para influenciar o planejamento de infraestrutura verde. Assim como a iniciativa de Montana, este projeto identificará pontos críticos na comunidade e tornará essas informações disponíveis publicamente por meio de mapas e outros canais, permitindo que a comunidade intervenha e defenda a si mesma.

“No caso de calor extremo aqui em Hunts Point, os líderes comunitários entendem que a 'ilha de calor urbana' é um problema e que nossa comunidade é muito vulnerável ao calor devido à alta exaustão de calor das indústrias locais e caminhões a diesel, mas também devido à nossa baixa cobertura de superfície vegetal”, disse Fernando Ortiz, o organizador de preparação e resiliência climática da Point Community Development Corporation. Ortiz fez parceria com o cientista atmosférico e especialista em sensoriamento remoto Brian Vant-Hull e ISeeChange diretora Julie Kumari Drapkin. Eles planejam integrar dados relacionados ao uso e cobertura da terra, temperatura do ar, temperatura da superfície e dados demográficos em um mapa de vulnerabilidade ao calor extremo hospedado em um painel online. As informações podem ser usadas para melhorar a capacidade da comunidade de responder ao calor extremo, identificar áreas-alvo para atividades de mitigação e conduzir possíveis mudanças de políticas no futuro. “Trabalhar com cientistas nos permite entender melhor como podemos medir com precisão o calor e mapeá-lo para criar intervenções e recomendações eficientes e eficazes”, disse Ortiz, “e preparar e educar melhor nossa comunidade sobre como ficar frio”.

À medida que a ameaça dos riscos à saúde associados às mudanças climáticas se torna mais significativa, os esforços de resiliência liderados pela comunidade e as parcerias com cientistas podem influenciar os tomadores de decisão com recomendações baseadas em evidências que protegerão suas comunidades dos piores efeitos das mudanças climáticas.

FONTE:https://eos.org/agu-news/mapping-heat-vulnerability-to-protect-community-health?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_content=mapping-heat-vulnerability-to-protect-community-health



ONU afirma que proteção do planeta vai requerer novas regras comerciais

Um novo relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Pnuma, afirma que o comércio internacional exerce um efeito prejudicial não apenas nas florestas, mas em todo o planeta.

A agência citou centenas de incêndios florestais, capturados por satélite, e que estariam sendo iniciados por agricultores que tentam responder à demanda global por carne de vaca e soja.

Regulação

O relatório pede novas regras de comércio mais ecológicas. Segundo a pesquisa, a extração de recursos naturais pode provocar escassez de água, levar os animais à extinção e acelerar as mudanças climáticas.

Em comunicado, a diretora-executiva do Pnuma, Inger Andersen, disse que “as consequências econômicas da Covid-19 são apenas uma amostra do que aconteceria se os sistemas naturais da Terra quebrassem.”

Para ela, a comunidade internacional precisa “ter certeza de que as políticas comerciais globais protegem o meio ambiente, não apenas para o bem do planeta, mas também para a saúde a longo prazo das economias.”

Ambiente

O relatório “Comércio Sustentável de Recursos” revela que 35 bilhões de toneladas de recursos materiais, como petróleo, ferro e batatas, foram extraídos da terra para fins comerciais em 2017.

Embora isso tenha ajudado a criar milhões de empregos, especialmente em comunidades pobres, também teve um efeito profundo no planeta. A extração foi responsável por 90% da perda de espécies, 90% do estresse hídrico e 50% das emissões de gases de efeito estufa nesse ano.

O Pnuma estima que a demanda por recursos naturais deve dobrar até 2060. Por isso, pede a adoção de um modelo econômico “circular” baseado na redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia.

Isto faria com que as empresas usassem menos recursos, reciclassem mais e estendessem o prazo de seus produtos. Também seria esperado que os consumidores comprassem menos, economizassem energia e consertassem coisas que estão quebradas em vez de jogá-las fora.

Vantagens

Essas mudanças podem ter grandes vantagens para o planeta. Ao conservar recursos, a humanidade poderia reduzir suas emissões de gases de efeito estufa em 90%.

Embora o modelo circular tenha implicações para países que dependem de recursos naturais, o sistema daria origem a novas indústrias dedicadas à reciclagem e reparo. No geral, o relatório prevê que um modelo econômico mais verde impulsionaria o crescimento em 8% até 2060.

Inger Andersen disse que existe a ideia de que é preciso “extrair e perfurar o caminho para a prosperidade”, mas ela diz que “isso não é verdade.” Com circulação e reutilizando materiais, “é possível impulsionar o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, proteger o planeta para as gerações futuras.”

Progresso

Alguns países, tanto desenvolvidos como em desenvolvimento, adotaram o conceito de economia circular, mas acordos comerciais internacionais podem desempenhar um papel importante.

A pesquisa pede que a Organização Mundial do Comércio, OMC, que reúne 164 países, pense no meio ambiente quando define seus regulamentos. Também recomenda que os pactos comerciais regionais promovam investimentos em indústrias pouco poluentes, eliminem subsídios aos combustíveis fósseis e não prejudiquem os acordos ambientais globais.

Inger Andersen afirma, no entanto, que “reorientar a economia global não é uma tarefa fácil.” Segundo ela, é preciso “lutar contra muitos interesses adquiridos, mas com a expectativa de que a população da Terra atinja quase 10 bilhões em 2050, é preciso encontrar maneiras de aliviar a pressão sobre o planeta.”

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733922?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=0aceaf4818-EMAIL_CAMPAIGN_2020_11_25_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-0aceaf4818-105027597

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

<http://www.cidadesresilientes.net/biblioteca.html>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>